

O ESPAÇO TRANSATLÂNTICO SUL E OS MOVIMENTOS E INFLUÊNCIAS NA ESCRITA JORNALÍSTICA ANGOLA/AMÉRICA LATINA: A CRÓNICA

The South transatlantic space, movements and influences in journalistic writing in Angola and Latin America: crónica

Alice Donat Trindade

Centro de Administração e Políticas Públicas, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
(Universidade de Lisboa)
(Portugal)

A crónica/crônica/cronica nas suas diferentes grafias em português europeu, brasileiro ou em castelhano é um verdadeiro género de escrita jornalístico-literária do espaço transatlântico falante das duas línguas de proveniência ibérica. O foco geográfico desta comunicação situa-se no Atlântico Sul, nos movimentos e influências mútuas entre Angola, Cuba e Colômbia, os autores Luís Fernando e Enrique Núñez Rodríguez, com a influência modelar de Gabriel Garcia Márquez. O foco temático centra-se no debate identitário estabelecido em textos de sociedades em mudança e conflito, latente ou aberto, ocorridos em Cuba e Angola ao longo das últimas décadas do século XX e início do XXI. Temas e estrutura jornalística estarão sob o foco da análise dos dois autores em confronto direto, Enrique Núñez e Luís Fernando, salientando a relevância dos encontros entre jornalistas de um espaço comum transatlântico. Finalmente, propõe-se neste artigo, que os autores analisados incorporam nos seus escritos uma das particularidades da obra de Maria Zambrano que, segundo revelado pela própria autora em *Claros del bosque*, era a de se constituírem como uma oferenda autoral.

Palavras-chave

Jornalismo, *cronica*, Cuba, Angola, Garcia Marquez

Cronica, a word differently written in different varieties of Portuguese or Spanish is a truly transatlantic genre of journalism writing, in two languages originating on the Iberian Peninsula. However, the geographical background to this paper is located in the South Atlantic, in the movements and influences experienced in the territories of Colombia, Cuba and Angola, with Garcia Marquez as a model acknowledged by Cuban Enrique Nuñez, and Angolan Luis Fernando. Core object of this article is the identity debate depicted in the texts, showing Cuban and Angolan societies undergoing change, and open or latent conflict in the last two decades of the 20th century and early 21st. Themes, journalistic techniques and structure of work by Enrique Nuñez and Luis Fernando will be analysed, emphasizing the importance of the in/voluntary encounters of two journalists from a common transatlantic space, on a process of mutual reconnaissance. It is finally proposed in this article that the authors under scrutiny incorporate in their texts one of the features of Maria Zambrano's work. According to the author of *Claros del bosque*, her writings were an author's true offer, a characteristic also visible in these texts.

Keywords

Journalism, *cronica*, Cuba, Angola, Garcia Marquez

Introdução. Conceitos e objetivos

A escrita da crónica perdura desde há séculos e está associada a tempo, não só neste aspeto da durabilidade do género, mas também na sua etimologia grega, *chronos*. As crónicas medievais, como as de Fernão Lopes (1380?-1460) acerca do monarca português D. João I, exaltavam os feitos dos protagonistas, tendo existido exemplos por toda a Europa da época. Nos casos de Portugal e Espanha, crónica foi género elegíaco e de gesta, especialmente no período dos Descobrimentos. Em Portugal, Gomes Eanes de Zurara (c. 1410-c. 1474), seguindo as pisadas de Fernão Lopes, é cronista oficial de D. Afonso V, escrevendo obras como a *Crónica da Tomada de Ceuta* e a *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné*. Em Espanha, as *Crónicas das Índias* relatam encontros de espanhóis com territórios e gentes diferentes, bem como a legitimidade da tomada desses territórios, acrescentando ainda Rolena Adorno outro motivo de interesse: «En cuanto a las crónicas de Indias, es su calidad narrativa, más que su supuesta fidelidad a la verdad histórica, la que nos seduce» (Adorno, 2009, p. 68). A Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes disponibiliza online fragmentos de *La Historia General de las Indias y Nuevo Mundo* de Francisco López de Gómara (1555) (de Gómara & Garcilaso, s. d.) com anotações feitas pelo Inca Garcilaso, e também de *Naufragios*, a atribulada história dos acontecimentos experienciados e passados a escrita por Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, publicado pela primeira vez em Zamora em 1542.

São documentos relacionados, nessa primeira fase de escrita do género «crónica», com História, tal como ela era estudada, normalmente registos de feitos dos grandes atores da época, para leitura restrita, em época em que não abundavam nem leitores nem material de leitura. Vitorino Magalhães Godinho escreveu, originalmente em 1970, acerca do alcance e influência destes documentos escritos: «Os descobrimentos teriam renovado a literatura europeia, seriam o grande factor da génese do capitalismo, teriam salvo a Europa da mortal ameaça otomana» (Godinho, 2008, p. 10). O historiador português explicita a relevância destas novas realidades, a pertinência que tiveram para o relançamento da literatura, com a consequente missão, assumida por quem escreveu, de construir e enformar em termos de narrativa essas circunstâncias, experiências, gentes e maneiras de viver totalmente diversas, que estavam a ser reportadas pela primeira vez. Essa é a tónica colocada também por Rolena Adorno, anteriormente citada, que realçava a importância da qualidade narrativa, constituinte de uma experiência nova que os autores vivenciavam diretamente ou reproduziam nos seus escritos a partir de relatos, e que outros consumiam de forma mediada por esses mesmos textos.

A crónica da segunda metade do século XX e século XXI distingue-se claramente da sua antecessora medieval ou renascentista: de proto texto histórico, relatando encomiasticamente feitos de grandes e nobres, ou aventuras em terras distantes e desconhecidas, passa, desde os finais do século XIX, a relatar eventos comuns e vidas pouco conhecidas e/ou consideradas pouco relevantes. Em 2017 escreve Palau-Sampio acerca da possibilidade de classificação da crónica jornalística: «La tipología latina ubica la crónica en los macrogéneros de interpretación, un estadio intermedio entre información y opinión, a partir de la distinción anglosajona entre stories y comments» (Palau-Sampio, 2017, p. 205). Por outro lado, escreve Ribas: «[...] vamos encontrar o elogio de traços específicos para a definição de crónica: “graciosidade”, “coloquialidade” da escrita, “leveza” para tratar de “coisas sérias”» (Ribas, 2013, p. 3).

Como refere Castillo (2015) a maior parte dos escritores latino americanos têm carreiras como jornalistas. A crónica, que Palau-Sampio situa entre informação e opinião, e Ribas entre a «leveza e coisas sérias», suscita ainda no leitor uma experiência que o mexicano Juan Rulfo, citado por Castillo (2015), caracteriza como impulsionando o leitor para a realidade, através de imagens que dela são evocadoras. É essa a variedade de crónica que nos vai ocupar doravante: na esteira da tradição das línguas de origem latina, espanhol ou português, em ambos os lados do Atlântico, e a Norte e Sul do Equador, com retratos em palavras das situações quotidianas, desafios de vidas comuns, situações diárias de absurdo, ou inopinadas tratadas com humor, não esquecendo as memórias de vida dos autores.

1. Autores e encontros transatlânticos

Gabriel Garcia Márquez, «Gabo», como é carinhosamente conhecido, afirmou numa entrevista à Unesco:

[...] Hace solo algunos años que me he dado cuenta de que yo era mestizo. En mis viajes a África he descubierto que muchas formas populares de arte africano comportan manifestaciones estéticas similares a las de varios países de la región del Caribe. Esta constatación me ha llevado a ver y a entender más claramente las condiciones de la cultura en nuestros países y, en general, la relación que existe entre ciertos elementos de diferentes culturas. Quedan así de manifiesto, a la vez, la delimitación nacional de una cultura y su dimensión de universalidad. Existe un conjunto de vínculos entre los pueblos sin que estos tengan necesariamente conciencia de ellos. (Osorio, 1991).

Márquez descobre assim a sua condição de mestiço estético e cultural que, de certa forma, estende, em outras afirmações, ao Jornalismo. A sua consideração de que o Jornalismo é Literatura, como afirmou numa entrevista à mesma publicação, *Correo de la Unesco*, em 1996 (Einadi, Rifaat, & Labarca, 1996), implica que os dois grandes géneros de escrita, claramente divididos após o século XIX, se aproximam em algumas das suas manifestações: a cultura jornalística e a literária não são tão diferentes como se afirma. Esta consideração faz sentido no caso da crónica que, sendo jornalismo, reportando-se à realidade, constrói por vezes algum distanciamento desta. Se, na América Latina, Márquez levanta a questão da porosidade existente entre Jornalismo e Literatura, em África poder-se-á levantar questão de alguma porosidade de estilo entre crónicas e conto oral, co-construído durante a narração. O mesmo Márquez escreveu, em 1977, um texto jornalístico¹ descrevendo a Operação Carlota, o envio de tropas cubanas para Angola, a pedido de Agostinho Neto, colaboração na altura bélica mas que redundou, anos mais tarde, em ações pacíficas, como o movimento de estudantes angolanos para Cuba, movimento que vai ser essencial no caso do jornalista angolano em análise.

Cuba e Angola têm tradição na escrita de crónica. De Angola podemos referir exemplos do século XX como Ernesto Lara Filho (1932-1977): este jornalista escreveu e descreveu a sociedade angolana do terceiro quartel do século XX de forma vívida, em textos recolhidos na coletânea *Crónicas da Roda Gigante* (Lara Filho, 1990). De Cuba, basta lembrar José Martí (1853-1895), o cronista do século XIX que Mariza Veloso refere como: «Martí empenhou-se resolutamente em ampliar a república das letras e, para tanto, utilizou-se da crónica jornalística, transformando-se no poeta soldado, cuja arma será a escrita» (Veloso, 2011, p. 135). Lara Filho descreve uma sociedade angolana em busca de si própria, procurando um caminho identitário próprio; Martí é um poeta-herói, buscando uma identidade própria contra força colonial. Mas enquanto Lara Filho sentia alguma pertença a uma origem europeia, Martí expressava antagonismo claro, inicialmente contra o colonialismo europeu e depois contra a hegemonia crescente norte americana. Na fase final da sua vida, ainda que a viver nos EUA, apoia claramente um conceito de América Latina diferente do constructo anterior.

O Jornalismo, independentemente de ser Literatura ou não, constitui-se como um elemento cultural de fusão que, como se vê no texto anteriormente referido de Márquez, colhe elementos de um e outro lado do Atlântico Sul. No caso particular em análise

aqui elementos provenientes do Caribe e elementos latino-americanos no jornalismo africano, angolano, de Luís Fernando influenciados pelo período formativo em Cuba deste autor, especialmente os que resultaram do contacto com os escritos do cronista Enrique Núñez Rodríguez. O resultado da influência do jornalista cubano no seu jovem congénere angolano não tem como consequência um produto jornalístico literário semelhante a Bildungsroman, uma qualquer busca de um modelo por um jovem imaturo, mas sim a de uma pesquisa e reconhecimento de modelos formais e de conteúdo adequados à viagem de regresso a África e aos seus temas. O modelo formal emulado é o da crónica do final do século XX tal como era praticado no país onde o estudante frequentava o curso de Jornalismo. O país era a Cuba dos meados dos anos de 1980 (entre 1986 e 1992) com um modelo político de partido único, com manutenção e propaganda de regime através de diversos meios entre os quais o órgão de publicação das crónicas de Núñez, o semanário para a juventude do Partido Comunista Cubano, *Juventud Rebelde*. O momento histórico foi particularmente relevante: o Muro de Berlim cai em 1989 e as barreiras e diferenças ideológicas e políticas encetam um processo de mudança que ainda prossegue.

Núñez, um intelectual apoiante do regime castrista, escrevia sobre a vida de pessoas simples, algumas vezes de si próprio, enquanto cidadão cubano que tinha vivido, em jovem, um período de carências para muitos e privilégios para alguns. Após a revolução cubana e a subida ao poder do Partido Comunista cubano e de Fidel Castro, o jornalista continua a escrever sobre os seus compatriotas, mantendo-se as carências para alguns, e os privilégios para outros. Oriundo de Quemado de Güines, uma pequena cidade a cerca de 220 km de La Habana, nascido em 1923, Núñez foi jornalista, escritor e guionista. Em 1987 e até 2002, enceta colaboração semanal ininterrupta, aos domingos para o *Juventud Rebelde*. Na compilação de noventa e nove desses textos, publicada em 2014 e editada por Tupac Pinilla, refere o editor em nota dirigida ao leitor:

Domingo tras domingo, sus fieles comulgaban con su humorismo diáfano y su sensibilidad de jugar moderno. Mayormente cubierto con los ropajes nostálgicos de un costumbrismo cuasimítico, muchas veces memorioso y autobiográfico, Enrique dialogaba con un presente cotidiano y colectivo, en una suerte de patakin² identitario vencedor del Tiempo por conjugarse con él (Núñez, 2014, p. 7).

²*Patakin* significa «fábula» e é título de uma longa metragem, uma comédia musical cubana de 1984 que relata histórias da religião Yoruba datadas à sua contemporaneidade. A história envolve *orishas*, figuras semelhantes a santos na religião católica. No Brasil existem figuras religiosas semelhantes, os orixás.

¹O artigo «Operación Carlota» pode ser consultado online em: <http://www.bitacora.com.uy/auc.aspx?5196.7>

Luís Fernando parte de Angola em 1986 para o seu período de bolsheiro em Cuba enquanto muitas mudanças se anunciavam pelo mundo, e antecedendo o ano em que Núñez inicia a publicação das suas crónicas semanais. O jovem bolsheiro, já jornalista de profissão, proveniente de uma aldeia da Província do Uíge, Tomessa, vai frequentar estudos universitários na Universidade de Havana, anos antes frequentada por Núñez, porém na Faculdade de Direito, como relatado pelo próprio em diversos textos do volume *Enrique al desnudo* (Núñez, 2013).

Em 1987 e 1988 os confrontos entre as diversas forças beligerantes no território angolano, fossem elas dos diferentes movimentos, MPLA, UNITA ou as forças estrangeiras aliadas, cubanas e sul-africanas, respetivamente, são muito intensos (Wheeler & Pé-lissier, 2016, pp. 383-384). Toda esta conflitualidade culmina na sangrenta batalha de Cuito Cuanavale de 23 de março de 1988, que impede a progressão das tropas da UNITA e sul africanas, porém com perdas muito pesadas para os dois lados. Com avanços e recuos e conversações internacionais difíceis, obtém-se o Acordo de Paz de 1991, a que se seguem as eleições de 1992, ganhas pelo MPLA. Contudo a guerra recrudescerá após a confirmação eleitoral do novo mandato de José Eduardo dos Santos, que tinha assumido a Presidência em 1979 após o falecimento de Agostinho Neto.

Luís Fernando regressa assim em 1992 a um país em guerra civil, à sua capital, Luanda, que acolhia cada vez mais refugiados de zonas de guerra, perigo e escassez. O próprio autor, anos mais tarde, em 2017 viria a escrever sobre esse período: «Depois das atribulações que se seguiram às primeiras eleições da sua incipiente vida democrática, em 1992 – na verdade, terríveis atribulações sob a forma de uma mortífera guerra de dez anos de duração...» (Fernando, 2017). Fernando continua a sua atividade profissional, na Rádio Nacional de Angola, e no *Jornal de Angola*, onde foi diretor durante 12 anos. Após 2008, assume a direção do *Jornal O País*, fundado por uma empresa de media privada nesse mesmo ano, onde publica as crónicas, das séries *Vida*, que constituirão o corpus deste artigo. A carreira de jornalista é interrompida em 2017, após a eleição de João Lourenço para a Presidência, quando Fernando é nomeado Secretário para Assuntos de Comunicação Institucional e de Imprensa. Em termos políticos, e lendo-se o Programa Eleitoral 2017-2022 constante do site do MPLA e que serviu de plataforma à eleição do atual Presidente de Angola, João Lourenço, pode ler-se:

No período pós-independência nacional em 1975 foi adotado um sistema de economia nacionalista planificada [...] o MPLA reconheceu as limitações deste sistema e iniciou um processo de profundas reflexões sobre o modelo de organização econó-

mica e social vigente [...]. Fruto deste amplo trabalho que decorreu no seio das estruturas do Partido e da sociedade, foi adotado em finais dos anos 80 o modelo de economia social de mercado [...] e, em 1991, o multipartidarismo, como sistema de organização política. (MPLA, s. d.).

Cuba, por outro lado, mantém sistema de partido único:

El sistema electoral cubano como organización institucional es joven, con más de 40 años de vigencia (Constitución del 24 de febrero de 1976). Entre los elementos que lo caracterizan se encuentra el término *unidad*, como esencial para el mantenimiento de la independencia. En Cuba no se realizan campañas electorales. Los candidatos salen del pueblo en reconocimiento a sus méritos y capacidades. El Partido Comunista de Cuba no postula candidatos electorales y es el órgano rector del Estado y de la sociedad.

El sistema electoral cubano está regido por la Constitución, la Ley N.º 72 del 29 de octubre de 1992, Ley Electoral y el Decreto Ley 248 del 2007 sobre el Registro de Electores. (González, 2017).

Angola e Cuba têm mudado muito nos últimos anos, politicamente, socialmente e economicamente: o que nos vai ocupar, porém, não são as expressões jornalísticas das alterações mais recentes, mas as origens de uma linguagem jornalística angolana, que vai beber à mestria de um cronista cubano, tendo os dois como mestre um jornalista colombiano. O Oceano Atlântico toma neste diálogo a posição da estrada, onde viajam, agora bidireccionalmente, conhecimento, instrumentos e competências que se partilham pelo Jornalismo. De obstáculo e fonte de perigos, caminho maldito de tráfico de seres humanos e de cupidez, mas também de promessa de terras de abundância, o Oceano, que banha Europa, África e Américas, muda de feição com a história dos homens que povoam as suas margens e que agora partilham frutos de educação e cultura.

2. Os textos, a seleção de temas e método de análise

«Lo escrito escrito está». Más no todo ello indeleblemente. Se borran los escritos por sí mismos, o por obra de las circunstancias. El clima, la atmosfera misma, algún polvillo que cae del cielo borra lo escrito: títulos, inscripciones, sentencias caen. (Zambrano, 2018, p. 203).

A escrita é atividade temporal e, como tal, condicionada por circunstâncias, influências, tendências. Europa e Estados Unidos influenciam-se mutuamente nos domínios culturais desde há séculos; a

presença europeia em África e na América Latina é um dado histórico adquirido; os Estados Unidos condicionam desde há anos muitos aspetos de globalização, em todo o planeta. Todavia, movimentos de globalização cultural reversiva originam tendências de valorização de manifestações culturais locais, não dominantes em termos globais. Os movimentos e influências culturais africanos são reconhecíveis em muitos países da América. O que nos ocupará agora é a influência da América Latina em África, no caso, da escrita da crónica em Cuba para a sua prática por jornalista angolano. Ou seja, o movimento influenciador é um exemplo de globalização reversiva: é um movimento transatlântico Sul-Sul e de Oeste para Leste, contrariando os modelos dominantes de influências culturais na direção Norte-Sul e de Leste para Oeste. Assim, e seguindo as novas necessidades de análise textual de um panorama cultural globalizado, olhamos os textos sob o prisma adotado por Simon Cottle:

Visualized narratives, experiential accounts and emotive testimonies can all contribute to processes of recognition and understanding of competing world outlooks (Cottle, 2006b, pp. 167-184) as can more traditional forms of information conveyance, claims-making and argumentation by contending interests. The communicative architecture of international and global journalism draws on both these communicative modes of display and deliberation—often consequentially so. (Cottle, 2009, p. 352).

Ou seja, inicialmente estabelecemos o tipo de objeto de estudo jornalístico: o resultado da produção jornalística, não a forma como a produção é levada a cabo. Foi escolhido o género crónica e serão analisadas comparativamente os artigos de dois autores de dois países e continentes. Por outro lado, as crónicas que iremos analisar situam-se nas narrativas visualizáveis, experienciais e emocionais que Cottle refere como contribuintes líquidos para o reconhecimento e compreensão de diferentes prismas de abordagem da realidade. Dentro da análise textual, o foco será a questão da escolha temática, pois estes são textos de mostra mais do que textos de debate. Os autores apresentam os diferentes momentos, pessoas e acontecimentos englobados em grandes temáticas que se puderam reconhecer nos dois autores, pela presença ou pela ausência. Voltando a Zambrano, os escritos coloram-se e desbotam com o tempo, o ambiente, modificam-se. As similitudes e diferenças atuais serão abordadas, mas, inicialmente, olharemos mais atrás no tempo.

Se olharmos a história humana, económica e cultural da segunda metade do milénio passado, podemos ver os movimentos do chamado sistema triangular de comércio: os movimentos cons-

A escrita é atividade temporal e, como tal, condicionada por circunstâncias, influências, tendências. Europa e Estados Unidos influenciam-se mutuamente nos domínios culturais desde há séculos; a presença europeia em África e na América Latina é um dado histórico adquirido

tituídos por pessoas, transportavam inicialmente escravos para as Américas, enquanto alguns europeus partiam para África ou Américas. Os tempos do «triângulo comercial» providenciaram ainda movimentos organizados de recursos naturais provenientes das Américas ou de África e de mercadorias que cruzavam o Atlântico para Ocidente ou para Sul. Na Angola dos finais do século XX e século XXI, os movimentos de pessoas tiveram outros motivos: de Cuba foram militares para Angola, no tempo da guerra civil, como aliados do MPLA e, desde cedo, registou-se movimento oposto com jovens a ser enviados como bolsheiros para a ilha caribenha. Ainda em 2018, o número de bolsheiros em Cuba geridos pelo Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo (INAGBE) era de 1.762 (Gomes, 2018). Dezenas de milhar de estudantes passaram por esta ilha, frequentando as mais variadas formações superiores, tendo muitos outros rumado inicialmente apenas a países com regimes comunistas, até 1991, para depois se alargar o espetro de possíveis destinos.

Destes movimentos de estudantes, redundaram regressos de angolanos com formação universitária: professores, médicos, engenheiros e... jornalistas.

Apresentaremos de seguida uma seleção de crónicas de Núñez e Fernando, com o objetivo de analisar a influência de um género jornalístico mundial, na sua versão cubana e latino americana, sobre um jornalista angolano: a eventual sobreposição de temáticas; os registos de linguagem utilizados, o relacionamento jornalístico com temas idênticos de contemporaneidade dos dois autores.

Estas influências surgem no autor Luís Fernando na sequência da viagem de formação, de uma

viagem voluntária e bem-vinda de um africano em terras americanas, em época em que dominações ou neocolonialismos ocidentais eram vistos com idêntico antagonismo nas duas costas do Atlântico Sul, em Cuba e em Angola, e em que as alianças se tinham adequado a outras ideologias que, ainda assim, provinham de outro país também europeu, a URSS. Para abordar os dois autores, e após leitura extensiva e análise dos temas predominantes presentes, foram selecionados quatro temas que mais se destacaram, todos abordados nas crônicas publicadas na coletânea de 99 crônicas de Núñez e nas cerca de 150 de Luís Fernando nos 3 volumes de *Anos de Vida*. Os temas escolhidos foram:

- Os autores e a sua centralidade;
- A política – as figuras políticas – a descentragem da política dos políticos;
- Cubanos e angolanos: a vida quotidiana;
- Diálogo transatlântico sul.

Outro fator relevante é o momento de escrita das crônicas de um e outro autor, que não coincidem no tempo: enquanto as crônicas do jornalista cubano foram escritas entre 1987 e 2002, começando em pleno Período Especial³, as crônicas de Fernando começaram a ser escritas com o nascimento do jornal *O País*, em 2008.

2.1. Os autores e a sua centralidade

Os objetos de análise são textos de autores conhecidos e reconhecidos nos seus países e que seguem uma tradição de crónica que fornece em doses semelhantes interpretação e informação. Fernando descreve, na crónica onde narra as sensações pessoais que o assolaram quando soube que tinha sido distinguido com o Prémio Maboque, o mais relevante atribuído a escritores em Angola: «Tenho de inundar as páginas d’*O País* com reportagens que se leem, “vendo”» (Fernando, 2014c, p. 144).

Por seu lado, Núñez refere os seus olhares ao passado como preparações do futuro, uma das missões do Jornalismo:

Y, entonces, soy una mezcla de Federico Villoch y el viejo Lagarde, despolillando archivos o desempolvando viejas postales descoloridas.

³O Período Especial decorreu entre os anos de 1970 e cerca de 1989, precedendo a queda da URSS e a conseqüente perda de ajudas, que tinham decrescido mesmo antes da queda do império soviético. No artigo «Cuba: otro “Período Especial”» (Fernández, 2019) o autor, Luís Fernández esclarece que o PIB cubano diminuiu cerca de 38 % nessa época, com a conseqüente perda de qualidade de vida para os cidadãos. A diversificação da economia cubana e dos seus relacionamentos permite agora maior independência do que a existente nessa época, com dependência quase total das economias socialistas europeias. V. notícia <http://www.cubahora.cu/economia/cuba-otro-periodo-especial>

Y no para añorar el pasado, sino para proyectarlo hacia el futuro. El periodismo es eso. La cultura es eso. La vida es eso, amigo lector! (Núñez, 2014, p. 52).

Por seu lado, Núñez, ao recusar ao editor do jornal *Juventud Rebelde*, passar a utilizar o espaço de 1.ª página anteriormente atribuído às crônicas de García Márquez, justifica a recusa com diferentes argumentos e também acrescenta: «Surí y Padura me han marcado con su impronta, al extremo de sentir cierto pudor cuando ellos, con generosidad que agradezco, me llaman maestro, calificación que acepto por atribuirle por respeto a mis años» (Núñez, 2014, p. 16). Os dois arrecadam admiração e reconhecimento dos pares pela sua obra.

Conhecendo os seus conterrâneos, escreve Fernando ao falar de um amigo cubano: «Entre nós, dentro da cordialidade intensa que faz de África um poço de afectos apesar do sangue a jorros quando o assunto é poder» (Fernando, 2014b, p. 81). A intensidade de sentimentos pode originar, como originou na situação de guerra civil prolongada experimentada em Angola, as proximidades mais construtivas, mas também as rivalidades mais destrutivas.

O olhar de Núñez sobre o seu povo demonstra capacidades de idênticos afetos, mas também a irritação do autor com alguns aspetos da vida diária dos cubanos, como a má qualidade do funcionamento dos comboios do Período Especial ao contrário do período em que os funcionários tinham «espíritu amable y disciplinado» que fazia a viagem de comboio passar ao som de: «Co-co se-co, mango ver-de; coco seco, mango verde; cocoseco, mangoverde...» (Núñez, 2014, pp. 144-145).

Os dois cronistas são figuras centrais nas suas crônicas, apesar de Núñez ter a primazia na escolha desta temática. Recorrendo ao passado, ou versando mais o presente, ambos descrevem os quotidianos dos seus países, dos seus locais de origem e das grandes cidades que habitam. São experiências de autores cujos países se aproximaram por similitudes políticas e do mundo da Guerra Fria. Os dois países e os seus habitantes experimentaram conflitos e a guerra civil de Angola aproximou-os. Núñez volta frequentemente a eras pré-castrismo e Fernando ao período de Guerra Civil.

Fernando aborda um momento especial, quando soube da atribuição do Prémio Maboque de Jornalismo, revelado pela Presidente do júri, caimaneira como ele próprio⁴. Esta crónica termina com a

⁴*Caimanero* é a designação dada em Angola aos *alumni* de universidades cubanas. Caiman, o crocodilo cuja forma a ilha de Cuba mostra, dá o nome a estes milhares de angolanos que estudaram no país das Caraíbas. Em comunicação pessoal obtida

frase: «Ele faz jornalismo com verdade» (Fernando, 2014c, p. 144). Por seu lado, Fernando experimentou os dois países presencialmente e em crónica «El Tiempo pasa» fala da sua família cubana, onde viveu quando chegou ao país, começou a aprender a língua em que ia estudar e onde trocava informação, junto da Mãe do amigo Adolfo, «[Fernando] a tentar perceber os pormenores de Cuba antes dos barbulos, e ela a querer conhecer Angola, a terra onde o seu filho único Adolfo cumprira duas missões, primeiro como militar e mais tarde como professor» (Fernando, 2014b, p. 83). Os dois países tocaram-se politicamente, mas também pelos seus cidadãos que atravessaram o Atlântico nas duas direções. Um desses encontros foi entre Fernando e Adolfo, quando este ensinava Física (Fernando, 2014b, p. 82) ao primeiro no Uíge natal do jornalista angolano, uma presença recorrente nos temas, tópicos e gentes que povoam as suas crônicas, como terra de verdade, identidade e tradição.

Por seu lado, Núñez escreve ainda mais frequentemente do que Fernando sobre as suas experiências pessoais. Em 1997 escreveu «Observaciones de Fin de Siglo» (Núñez, 2014, p. 201), e nesse ano, com 75 anos de idade, o autor admira a velocidade da evolução dos artefactos humanos mas também, de forma muito irónica, a velocidade adquirida pelos relacionamentos humanos. Ironia que também aplica a si próprio, pois admite, em «Fe de Erratas» (Núñez, 2014, p. 56), que referir datas certas não é a sua especialidade: «Soy sencillamente, un cronista que, desde la escuela primaria, tuvo serios problemas con las fechas» (Núñez, 2014, p. 56). Em inúmeras crônicas o autor fala da sua Quemado de Güines natal. Fala da família, das lojas, dos bailes, da escola, da pobreza e da história que viu suceder e em que teve intervenção. Como para Fernando existe Tomessa, para Núñez existe Quemado de Güines.

2.2. Cubanos e angolanos: a vida quotidiana

Os problemas e alegrias de povos que atravessam provações são motivo de muitas crônicas. Em «Colicultura», Núñez discorre sobre as competências e estratégias dos cubanos enquanto frequentadores assíduos de filas para obtenção de abastecimentos. Núñez inventa toda uma nomenclatura: os que marcam – asseguram um lugar e abandonam a fila, para regressar quando a loja abre, ou o abastecimento começa; o campista, que se ausenta para ir até ao parque apreciar a natureza e volta, para assegurar a compra; ou o erótico, que vai namorar para um canto escuro, enquanto aguarda a sua compra ou mesmo o autocarro (Núñez, 2014,

junto de Luís Fernando (19 de abril de 2019), o autor informou que existe mesmo uma associação de *Caimaneros* em Angola.

pp. 116-117). Fernando discorre sobre as zungueiras, vendedoras ambulantes em Luanda, «as angolanas que fazem do asfalto e da poeira dos musseques o seu palco de vida» (Fernando, 2014c, p. 61). Mas enquanto Núñez cuida do aspeto mais político da situação cubana, esclarecendo que a escassez de La Habana se deve à situação política excecional, a apreciação das zungueiras luandenses critica a falta de investimento de Angola na educação dessas mulheres, deixando-as à mercê da sua desigualdade social e de género. Alguma aceitação politizada das dificuldades do povo em Núñez, não encontra eco em Fernando.

Fernando fala do inferno que é estacionar em Luanda, cidade onde os carros de diferentes eras e variados tipos de donos se digladiam por um local onde parquear. Núñez apelida La Habana de «vieja ciudad, desmelenada y en muletas, que cautiva a cuantos la visitan» (Núñez, 2014, p. 172). As duas são cidades demasiadamente grandes para cuidar bem os seus habitantes, mas mantêm identidades fortes, apelo aos seus habitantes e quem as procuram.

Outro aspeto da vida quotidiana, no caso a comunicação, o alargamento lexical do português de Angola é referido na crónica, «O número trinta» (Fernando, 2014a, pp. 105-107): Fernando revela que trinta, em português de Angola «significa não poder procriar, ou seja, um homem ou uma mulher presos às malhas da infertilidade» (Fernando, 2014a, p. 107). O autor aprecia, na mesma crónica, a capacidade de Cuba e do Brasil, «pela infinidade de palavras novas e expressões enriquecidas, que introduziram ao “seu” espanhol e português respetivos» (Fernando, 2014a, p. 106). Revela o movimento transatlântico das línguas, os enriquecimentos que ocorrem nas duas línguas ibéricas.

2.3. A política – as figuras políticas – a descentragem da política dos políticos

As referências à influência da vida política e das políticas públicas na vida dos cidadãos existem abundantemente em Enrique Núñez. Ademais, revela a sua própria intervenção partidária na crónica, «Mensaje a un Ladrón», na qual lamenta o roubo da carteira (Núñez, 2014, p. 229), ao referir que, entre os documentos subtraídos, se encontrava o seu cartão de deputado e o do Partido. Contudo acentua numa outra, «Finlay» (Núñez, 2014, p. 140), que este artigo não é jornalismo político, apenas a crónica da vida de um cientista cubano que foi despojado de reconhecimento por cientistas norte americanos seus contemporâneos.

Nas crônicas deste autor praticamente não surgem, nem são relevantes as grandes figuras da política, sejam elas antecessoras ou do regime castrista. O próprio Fidel, figura central da po-

Todavia, movimentos de globalização cultural reversiva originam tendências de valorização de manifestações culturais locais, não dominantes em termos globais

lítica, é descentrado, e situado num contínuo histórico. Em «Memoria al Vuelo» (Núñez, 2014, pp. 159-161) fala da luta contra tiranos e da vitória do regime castrista, narrando, al vuelo, muitos episódios das lutas pelo poder em Cuba, das ingerências externas, das vítimas internas, brevemente, de Fidel Castro. Contudo, os efeitos da vida política na vida dos cidadãos é muito referida, mais a sério ou tal como acontece em «Carnet de Baile» (Núñez, 2014, pp. 85-87), brincando com a aventura de um amigo que se transformou em herói político, apenas para fugir a ser descoberto como pobre: «– Primero preso que desprestigiado» (Núñez, 2014, p. 87).

Quanto a Luís Fernando, as crónicas analisadas podem referir figuras da política mundial, Obama («Yes, we can») (Fernando, 2014b, pp. 33-35), George W. Bush («Os Sapatos de Bagdad») (Fernando, 2014a, pp. 33-35), José Sócrates e Pedro Passos Coelho («Sociedade de Consumo») (Fernando, 2014c, pp. 115-118), ou mesmo Fidel Castro («O Eterno Humor de Fidel Castro») (Fernando, 2014c, pp. 54-57), contudo não existem referências ou relatos de figuras gradas do regime angolano à época.

Nem um nem outro autor se debruça demoradamente sobre os líderes políticos nacionais da época. Existem sinais de intervenção cívica nos dois, de crónicas que exultam a qualidade do povo angolano e de alguma intervenção laudatória da política nacional em Núñez, como por exemplo em «Elecciones libres» (Núñez, 2014, pp. 202-203). Em qualquer dos casos, as crónicas não são de teor eminentemente político partidário.

2.4. Diálogo transatlântico sul

A experiência internacional entre países do Sul devido a estadias em Cuba por razões de estudos superiores é referida por Núñez em crónica como «A Paton» (Núñez, 2014, pp. 27-28), onde refere o seu encontro com um jovem vietnamita em trânsito em aeroporto na Irlanda. Contudo, não é um tema

dominante neste jornalista que refere viagens pelo mundo, aos Estados Unidos, a Nicarágua e outros países da América Latina, à URSS, mas nenhuma viagem a África.

Em contrapartida, a experiência latino-americana de Fernando é muito extensa: além das referências ao período formativo em Cuba, sabemos que regressa a Cuba e escreve crónicas a essa propósito, «Sete dias em Cuba» e «O eterno humor de Fidel Castro» (Fernando, 2014b); visitou o Rio de Janeiro em 1985 e lá regressa, 26 anos depois, em 2011 (Fernando, 2014c, pp. 133-135), conforme nos conta em «Notícias do Rio de Janeiro», para também narrar «O caos de São Paulo» (Fernando, 2014b, pp. 69-71).

Pelas crónicas analisadas, percebe-se que as questões internas inspiravam mais crónicas a Enrique Núñez e no caso de Fernando, ainda que essa tenha sido a maior fonte temática, o espaço transatlântico sul teve uma enorme importância enquanto fonte de influência, mas também de inspiração para crónicas que comparam África e América Latina. Mas uma das referências mais importantes é feita a Gabriel Garcia Márquez, na crónica, «Um sábado sem funji», em que o autor narra a sua (e de outros onze autores) na União dos Escritores Angolanos. Nesse texto Fernando escreve, depois de relembrar os seus Pais:

Devo a última palavra ao homem que descreveu as peripécias dos ciganos naquele povoado perdido de uma Colômbia de economia a gravitar ao ritmo do cultivo da banana; [...]. É ao Prémio Nobel da Literatura, Gabriel Garcia Márquez, nascido numa aldeia sem direito a coordenadas geodésicas nos mapas, em Aracataca, que em última instância devo o empurrão decisivo para a aventura da escrita. (Fernando, 2014b, p. 23).

Mas em outra crónica, lembra Núñez, e coloca-o próximo de Márquez, enquanto dois mestres da crónica:

Enrique Núñez Rodriguez tinha uma coluna aos domingos no diário *Juventud Rebelde*, na página mais lida do jornal. Escrevia ele com o humor crioulo que nasce com todo cubano de gema, mas escrevia também, em dupla imbatível no mesmo lugar, o grande Gabriel Garcia Márquez. Os dois, juntos, tinham descoberto a fórmula perfeita para vender jornais sem a gritaria dos velhos reformados que lá fazem de ardinias. (Fernando, 2014a, p. 42).

2.5. Ocorrências temáticas e foco autoral

Após a análise dos temas comuns escolhidos para efeitos de análise de conteúdo, pode resumir-se a frequência dos temas abordados nas crónicas pelos dois autores no quadro seguinte:

Quadro 1. Frequência dos 4 temas

Temas / Autores	Os autores e a sua centralidade	A política – as figuras políticas – a descen-tragem da política dos políticos em funções	Cubanos e angolanos: a vida quotidiana	Diálogo transatlântico sul
Enrique Núñez N: 99	60	2	37	N/A
Luís Fernando N: 166	66 (Divisão pelos três volumes: 1.º, 29; 2.º, 21; 3.º, 16)	N/A	100	12*

Nota 1. Os artigos analisados são os compilados no volume da obra de Núñez, *El vecino de los Bajos*, e nas três coletâneas da obra de Luís Fernando, *Anos de Vida*.

Nota 2. *As crónicas indicadas como referentes a diálogo transatlântico sul são referentes, simultaneamente ao Autor e à sua centralidade.

Não agrupados nestes temas, encontram-se dois outros que denotam algumas diferenças temáticas: enquanto Fernando refere frequentemente o futebol, Núñez prefere o basebol quando o assunto é desporto. Por outro lado, os dois escrevem crónicas cujo tema é viagens. Nas de Fernando, elas suscitam curiosidade, influência e inspiração; as de Núñez têm mais cunho político.

É ainda interessante verificar que neste corpus não existe em Luís Fernando qualquer referência a figuras políticas nacionais de relevo no ativo: refere Agostinho Neto e figuras internacionais, incluindo Fidel Castro. Pelo seu lado, a questão transatlântica está ausente em Núñez, sendo feitas algumas alusões breves e elogiosas feitas a Fidel Castro. Por outro lado, tendencialmente, Luís Fernando diminui a sua própria centralidade ao longo do tempo, sendo o primeiro volume mais centrado em referências à sua própria experiência (29 ocorrências) enquanto os volumes ulteriores registam uma diminuição progressiva, para 21 no 2º volume, e 16 no 3º volume.

Relevante é ainda acrescentar que a perspetiva do Autor está sempre presente nas crónicas destes dois jornalistas, inclusivamente naquelas que não os envolvem na ação. O acontecimento, personalidade(s) apresentados e envolvidos no texto

surtem pela mão do narrador/autor intradieético, com uma voz presente. Como referia Norman Sims (1984), a voz do autor revela-se na obra de *Jornalismo Literário*, pois o autor quer que o leitor dê conta da sua presença.

3. Discussão de resultados e considerações finais

O género crónica de inspiração latino-americana dos finais do século XX, início século XXI, viaja de Cuba para Angola pela prosa de Luís Fernando e, nesta versão africana contemporânea constatam-se algumas diferenças em relação ao modelo cubano, especialmente em subtis diferenças na escolha temática e no papel da voz e preponderância diegética do autor/narrador. Mas em todas, os temas, predominantemente do quotidiano, irão cruzar-se com recursos formais da crónica: dimensão breve, mas mais extensa que o artigo jornalístico comum; uso de diálogo; uso de linguagem comum, com registo mais denotativo; registo abertamente autoral e interpretativo; narrador homodieético, participante, ou apenas observador e intérprete.

Existe ainda outra diferença importante, o meio de publicação: enquanto Núñez publica no órgão juvenil do Partido Comunista cubano, *Juventud Rebelde*, Fernando publica as suas crónicas num jornal privado, *O País*. A política editorial de cada meio de publicação tem, naturalmente, influência nos jornalistas que para eles trabalham.

A presença do narrador existe sempre, mas dá mais voz a outras pessoas/personagens em Fernando. Das 99 crónicas de Núñez coligidas no volume *El vecino de los bajos*, os tópicos de cerca de sessenta estão diretamente relacionados com o autor, a sua vida, as suas memórias, as suas viagens e, apesar de apresentar outras personagens existe quase sempre interação direta intradieética com o narrador/autor. Da mesma forma, a história pessoal do autor, de sua família, da sua terra natal é presença constante. Já da recolha de 166 crónicas de Fernando, menos de metade têm, tematicamente, intersecções com a vida do autor/narrador e as restantes são resultado de observação pessoal, de outras pessoas, situações ou lugares, onde existe interpretação do jornalista, mas sem participação direta na situação narrada.

Apesar de alguma diferença na predominância do autor nos temas tratados, tanto um como outro são criticados por recorrerem demasiadamente às suas experiências pessoais: Núñez defende-se dessa crítica em «Qué es la nostalgia» (Núñez, 2014, p. 51) e Fernando esclarece a natureza da crónica em «Quando nasce é para todos» (Fernando, 2014a, p. 147).

Fernando escreve, esclarecendo o género: «a crónica é um género intimista, de evocação, de lembranças, de relato de experiências de vida que

ficam no registo de memórias» (Fernando, 2014a, p. 149). Por seu lado, Núñez tinha escrito: «En una carta, un lector suspicaz, tal vez demasiado suspicaz, me culpa de reflejar cierta nostalgia en algunas de mis crónicas (Núñez, 2014, p. 51), seguindo-se a sua definição de Jornalismo anteriormente referida, como uma forma de projetar o futuro, recuperando memórias do passado, sem lamentar a sua perda.

Núñez escreve muitas das crónicas em análise na fase difícil do Período Especial, uma época de carências económicas e de reforço de imposição de regras do regime; Fernando escreve as suas em período pós-Guerra Civil angolana, onde, apesar das dificuldades, já não existiam tantas carências e riscos para a vida de todos os cidadãos.

Ainda assim e apesar de algumas diferenças, a influência formal e temática da arte da crónica latino-americana abriu caminhos seguidos pelo jornalista angolano. Os mestres García Márquez e Enrique Núñez foram modelos que permitiram uma viagem de retorno transatlântico menos comum historicamente, desde a América a que tantos africanos aportaram contra a sua vontade, transportando consigo tradições e cultura que Márquez reconhece quando se afirma mestiço. Luís Fernando transforma-se também em mestiço cultural, num movimento Sul-Sul que comprova que a globalização tem influências culturais relevantes, mas não apenas nas influências hegemónicas, sejam elas de qualquer força imperial antiga ou moderna, europeia dos impérios do passado ou mundiais dos grandes do século XX e XXI.

Também os países mais pequenos, ou menos relevantes nos palcos mundiais, Colômbia de Márquez, Cuba de Núñez ou Angola de Fernando criam ou adaptam formas de comunicação, aqui representadas por um género jornalístico, a crónica, que acomoda e revela realidades transatlânticas, do Sul, em duas línguas provenientes da Península Ibérica, o espanhol e português dos dois países que abriram os caminhos do Atlântico há muitos séculos. A escrita, como referia Maria Zambrano (2018), é uma dádiva: este género de escrita é uma dádiva que atravessa o oceano, diferenças culturais. Através do ensino e de leituras globais, que os autores realizam, as oposições ou diferenças esbatem-se e as proximidades revelam-se. A globalização da educação, mas também, neste caso, a globalização de conflitos permite estes movimentos que são ainda fortes por serem presenciais: a cultura digital aproxima e facilita, a vivência partilhada consolida.

Fontes e bibliografia

Adorno, R. (2009): *Polémicas sobre la posesión de las Indias en las letras hispanoamericanas*. Taller de Letras, 45, pp. 67-80.

- Castillo, R. C. (2015): «The new Latin American journalistic crónica, emotions and hidden», *Global Media Journal*, 9 (2), pp. 1-12. Obtido de <https://researchbank.rmit.edu.au/eserv/rmit:34178/n2006056651.pdf>
- Cottle, S. (2006). «Mediatized rituals: beyond manufacturing consent», *Media, Culture & Society*, 28 (3), pp. 411-432. Obtido de <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0163443706062910>
- (2009): «Journalism and Globalization», em K. Wahl-Jorgensen & T. Hanitzsch, *The Handbook of Journalism Studies*, pp. 341-356. New York: Routledge.
- De Gómara, F. L., & Garcilaso, I. (s. d.). *La historia general de las Indias y nuevo mundo...* [Fragmentos]. Obtido em 12 de junho de 2019, de Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/la-historia-general-de-las-indias-y-nuevo-mundo-fragmentos--0/html/>
- Einadi, B., Rifaat, A. R. & Labarca, M. (fevereiro de 1996): *Gabriel García Márquez. El oficio de escritor* (entrevista). Obtido de Correo de la UNESCO. *Un solo mundo, voces múltiples*: <https://es.unesco.org/courier/febrero-1996/gabriel-garcia-marquez-oficio-escriptor-entrevista>
- Fernández, L. (25 de 3 de 2019): *Cuba: ¿Otro «Período Especial»?* Obtido de CubaHora: <http://www.cubahora.cu/economia/cuba-otro-periodo-especial>
- Fernando, L. (2014a): *Um Ano de Vida*. Luanda: Mayamba.
- (2014b): *Dois Anos de Vida*. Luanda: Mayamba.
- (2014c): *Três Anos de Vida*. Luanda: Mayamba.
- (3 de maio de 2017): *Angola a votos pela 4ª vez*. Obtido de Tornado: <https://www.jornaltornado.pt/angola-votos-pela-4a-vez/>
- Godinho, V. M. (2008): *A Expansão Quatrocentista Portuguesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Gomes, M. (20 de dezembro de 2018): «Bolsas de estudo custam 60 milhões». Obtido de *Jornal de Angola*: <https://www.pressreader.com/>
- González, D. (23 de fevereiro de 2017): *¿Cómo son las elecciones en Cuba? El país se encuentra inmerso en el proceso electoral que concluirá en abril de 2018*. Obtido de *Granma*: <http://www.granma.cu/elecciones-en-cuba-2017-2018/2018-02-23/como-son-las-elecciones-en-cuba-23-02-2018-15-02-06>
- Lara Filho, E. (1990): *Crónicas da Roda Gigante*. Porto: Edições Afrontamento.
- MPLA. (s. d.): *Programa de Governo/Programa Eleitoral 2017-2022*. Obtido de MPLA: <http://www.mpla.ao/eleicoes.1/programas.4.html>
- Núñez, E. (2013): *Enrique al desnudo*, T. Pinilla (ed.). Columbia, SC: Palmaescrita.
- (2014): *El vecino de los bajos. 99 «Nuevas» Crónicas. Enrique Núñez Rodríguez. Juventud Rebelde 1987-2002*, T. Pinilla (ed.). La Habana: Ediciones Unión.
- Osorio, M. (outubro de 1991): *Entrevista con Gabriel García Márquez*. Obtido em 14 de fevereiro de 2019, de Correo de la UNESCO. *Un solo mundo, voces múltiples*: <https://es.unesco.org/courier/octubre-1991/entrevista-gabriel-garcia-marquez>
- Palau-Sampio, D. (2017): «Las identidades de la crónica: hibridez, polisemia y ecos históricos en un género entre la literatura y el periodismo», *Palabra Clave*, 21, doi:10.5294/pacla.2018.21.1.9
- Ribas, M. C. (2013): «Por uma revisão conceitual do género crónica: entre a montanha e o rés do chão»,

- Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC*, pp. 1-10. Obtido de http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434456426.pdf
- Sims, N. (1984): *The Literary Journalists*. New York: Ballantine Books.
- Veloso, M. (2011): José Martí – «Modernidade e Utopia», *Revista Sociedade e Estado*, 26, pp. 133-153. Obtido

- de <http://www.scielo.br/pdf/se/v26n2/v26n2a08.pdf>
- Wahl-Jorgensen, K., & Hanitzsch, T. (2009): *The Handbook of Journalism Studies*. New York: Routledge.
- Wheeler, D., & Pélissier, R. (2016): *História de Angola*. Lisboa: Tinta da China.
- Zambrano, M. (2018): *Claros del bosque*. Madrid: Cátedra Letras Hispanicas.